

CDU 869.0 (81) Freyre 7.07 Casa-Grande & Senzala

CASA-GRANDE & SENZALA

João Ribeiro

Artigo publicado no *Jornal do Brasil* de 31 de janeiro de 1934 e reproduzido na obra póstuma *Crítica, volume IX: Os Modernos*, organizada por Múcio Leão (Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1952), de onde foi transcrito (p. 274-277). Nascido em Sergipe, em 1860 e falecido no Rio de Janeiro, em 1934, João Ribeiro destacou-se como historiador e filólogo, sendo autor de um dos melhores compêndios de *História do Brasil* (1900) e de notável estudo sobre *A língua Nacional* (1921). Publicou várias outras obras de ensaísmo literário e filológico, tendo se revelado um crítico literário sensível tanto aos autores clássicos como aos contemporâneos.

Há muito era de todos esperado esse livro de Gilberto Freyre, autor só conhecido na roda íntima dos seus admiradores. Era esperado com ansiedade e com razão, porque das qualidades do erudito e do talento do autor, havia a certeza de que o livro corresponderia à expectativa do professor e conferencista da Stanford e do admirável conhecedor de cultura inglesa e americana. As suas letras inglesas atraíam-se em tipos como as de Pepys que tem equivalentes méritos.

No Brasil e nos Estados Unidos havia formado a sua compleição de filósofo e nos dera o jornalismo, que exercera, por algum tempo, a segurança de que teríamos diante de nós um pernambucano da estatura de Joaquim Nabuco.

A expectativa não foi desmentida. *Casa-Grande & Senzala* é realmente, como afirma o autor, o estudo da "formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal".

Não queremos dizer como Francesco Nitti que os sociólogos são todos charlatões ou mentirosos, conceito desabrido quase falso.

A sociologia, de fato, não é ciência e como tal não existe; mas os sociólogos existem, não há dúvida. São poetas da erudição e sabem engenhar com arte, e às vezes, com suprema arte, as suas conjecturas e hipóteses.

O livro de Gilberto Freyre pertence a essa poderosa poesia e profunda metafísica que nos deleita e nos levanta acima da vulgaridade dos fatos. É uma metapolítica que só os talentos de escol podem sentir com a intensidade e a verossimilhança que nos antolha o mundo.

Estudando o Brasil, sob os seus aspectos sociais, ele pouco ou nenhuma atenção presta aos políticos de quem quase nunca se serve e de quem nada quer aprender, e ao mesmo tempo exaure todos os nossos pensadores, antropologistas e etnólogos, recolhe com o mais enternecedor carinho, os ditos, as observações dos estrangeiros, viajantes, que aqui estiveram ou por aqui passaram lenta ou rapidamente e que são os mestres e responsáveis de sua sociologia.

Fora, já se vê, dos conhecimentos diretos e pessoais de brasileiro, bem educado, de grande agudeza de observação. E não sabemos se houve outro brasileiro que com tanta acuidade nos observasse.

Antes de sua morte, Joaquim Nabuco recolhia tudo quanto os estrangeiros escreveram do Brasil, e, pessoalmente muita vez o acompanhei *buquinando* nas livrarias velhas de Londres, atrás do Strand, as pepitas de ouro que com entranhado interesse apanhava na tonelagem de minério inútil.

Se Nabuco fizesse a crítica de todo esse acervo, teria escrito um volume da *Casa-Grande*, exceto a contribuição americana que então lhe escapara em Londres. Gilberto Freyre foi um precursor do livro póstumo que talvez não escreveria Nabuco.

Nabuco, porém, sem embargo do seu catolicismo, um pouco forçado e incrível, era um renaniano e pelo menos exerceria com essa obra póstuma a fascinação do seu estilo.

Nesse ponto, Gilberto Freyre é mais negligente e libertário. Os fatos para o nosso autor estão acima de todas as galas exteriores. Não que ele escreva mal, pelo contrário, escreve bem, muito bem mesmo, com acentuada elegância.

Mas é desses escritores que não sabem acabar. O seu livro, conquanto grande (mais de quinhentas páginas), não conclui: as paredes esboçam uma cúpula que não existe. Convergem para a abóbada que fica incompleta e imaginária.

É um livro de nunca acabar como certos contos *folclóricos* sem fim. Poderia escrever outro e outros volumes, sem esgotar o mesmo tema.

E contudo é uma obra de excepcional valor. O seu inacabamento depende do método histórico de Taine: a acumulação de fatos, de notas, de observações. É uma congêrie de documentos brevíssimos, traços e sugestões que por exaustão deixa o leitor convencido.

A *Casa-Grande & Senzala* explica o feito da sociedade, da colonial e da imperial. Mania de superioridade, aristocracia fundada sobre escravos. Discutem o sangue e as cores, embora sejam em grande parte mulatos e *quarterões* e ainda menos: exploram o preto no campo e os pobres burgueses na política. São realmente senhores embora com *pés de barro*, sem abrigo contra a eventualidade dos acontecimentos.

H. Koster, que o nosso autor tanto cita, relata anedoticamente o diálogo que teve com um preto *pernóstico*:

— Fulano de tal (senhor de engenho) é mulato, não é? está se vendo.

— Foi *mulato*, sim, senhor, mas agora não é mais.

Entrara na aristocracia rural dos senhores, que deram os chefes políticos, os grandes do Império, deputados e senadores, alguns de beíçolas, narizes chatos e *pichaim* evidente.

Esses mulatos generalizaram-se prolíficos e foram eles que fizeram a Abolição, a República, sanearam as cidades, progrediram, enfim.

Essa população *híbrida* é a mais nacional do Brasil e ainda vai durar um ou dois séculos até que se atenuem os seus índices fisionômicos e estéticos.

Gilberto Freyre faz uma grande defesa dos pretos que em verdade merecem mais simpatia do que a que lhes dão. A eles atribuem todos os defeitos morais, quando os seus vícios são a herança persistente da escravidão.

Uma coisa a notar no livro de Gilberto Freyre é a sua predileção pelos assuntos eróticos, responsabilizando os portugueses por esses pendores sexuais, diminuindo com parcialidade o quinhão das índias e dos negros, sendo a sensualidade dessas raças inferiores muito mais desabrida na concupiscência.

Agripino Grieco escrevendo sobre *Casa-Grande* esgotou um folhetim e promete continuação. Nós outros não iremos adiante desse breve registro, mas folgamos dizer que esse livro estará sempre diante dos olhos para ler e reler de tempos a tempos. Contém coisas que só uma segunda ou terceira leitura pode acaso descobrir.

Acresce que é um livro brasileiro de grande sentimento nacional que honra as nossas letras e a nossa cultura.

Com ele, merece Gilberto Freyre um alto lugar entre os nossos homens de letras.

